



CHINA — A GRANDE MURALHA.

A PAGINAS 102 do 2.^o volume da 1.^a serie d'este semanario eucontra-se uma pequena descripção d'esta obra prodigiosa: tendo de publicar a estampa que representa uma parte d'ella, copiada da excellente obra de mr. Ernest Breton *Monuments de tous les peuples*, antes quizemos extractar do bello trabalho do nosso estimavel escriptor contemporaneo, o sr. J. I. d'Andrade (Cartas da India e China) a noticia da grande muralha, comprehendida na carta LIX do 2.^o vol., a pagina 56, do que fazer um novo artigo, para que não tinhamos outros-subsidios a que recorrer que nos merecessem inteira confiança, como merecem as cartas de um observador tão imparcial e tão elegante.

«Entre os singulares monumentos da China, diz o sr. Andrade, admira-se a grande muralha, que divide os chinezes dos tartaros. Foi mandada edificar pelo imperador Ou-Ling, no anno 303 antes da era christã; mas Tsin-Chi-Hoang-Ti, foi quem deu impulso a essa grande obra, no anno 214, antes da referida era. Em 213 mandou este imperador queimar os livros de historia e moral, e com elles, os sabios, que lhe faziam sombra. Sobreviveu a esse acto horrivel tres annos, e a obra continuou até que foi concluida no anno 204, antes da era christã.

«O general Mon-Tien presidiu, por ordem de Tsin-Chi-Hoang-Ti, ao fabrico da muralha, tendo debaixo das suas ordens tresentos mil soldados para sustentar a ordem entre os milhões de obreiros, que a levantaram. Tem quinhentas leguas de comprimen-

to, em razão das curvas horisontaes e verticaes; e quarenta pés de altura com vinte de largura. Ha bastiões e atalaias de quinhentas em quinhentas braças. Uma das montanhas, por onde ella sobe ao cume tem 5:25 pés de elevação. O pensamento politico de reservar o imperio chinez das invasões tartaras, fez construir esta gigantesca obra, tão maravilhosa, como inutil; pois que, sendo tão forte, não obsteu ás invasões dos tartaros em todas as guerras tidas com os chinezes. A muralha da China attesta quanto póde o genio do homem.»

Segundo o sr. Breton, com os materiaes empregados na construcção d'esta obra podia fazer-se uma muralha que desse duas voltas em roda do mundo, tendo seis pés de altura e dous de grossura! Basta este enunciado para provar a importancia material da grande muralha, que não é aliás o unico monumento da energia do povo chinez, tão singular pelas suas instituições e organização social.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO IV.

A litteratura no Porto.

Não ha nada n'este mundo mais feio do que a verdade, e nada mais formoso do que a mentira! — a Pa-

DEZEMBRO 31, 1853.

radoxo!" — gritam os moralistas escandalizados. — "Axioma!" — respondo eu, com a maior placidez de que me dotou a sabedoria divina. Olhem para a sociedade, estudem bem as suas formas, percorram as suas escalas, entrem nos mysterios da *coterie*, e venham depois dizer-me o que encontraram. — Hypocrisia refinada em toda a parte! Uma repugnante realidade, um esqueleto coberto de farrapos, atravez dos quaes apparecem descarnadas todas as revoltantes misérias da vida! Um sudario de torpezas e de vergonhas; um corpo immundo, gangrenado, e coberto de bichos e peçonha; negro como é negro o vicio; horrendo como é horrendo o crime! É a mentira, donzella do mundo, que entra em toda a parte, coroada de myriadas de rosas, vestida de galas e recendente de perfumes, feiticeira que seduz com meigos sorrisos; a mentira deixa-se cortejar por todos, a todos promette e a todos falta sempre, sem que elles deixem de a seguir e querer, fascinados por sua belleza. Mas que seria d'esta vida, se não fossem as illusões? Quem poderia soffrer o mundo com a verdade dos seus vicios? As aspirações, os desejos, a esperança e a fé no futuro, que é tudo isso mais do que doces mentiras, agradaveis enganos, que gera a phantasia, para fugir á realidade do mal presente? Quem ha tão feliz, que não tenha saudades do tempo em que as esperanças lhe mentiam? Deus devia converter a mentira em virtude, para poupar um crime á humanidade. A verdade foi creada por Deus, e a mentira por Satanaz. A verdade era o paraizo; a mentira foi a serpente que tentou Eva. Para nos castigar do desprezo da verdade, fomos expulsos para a terra, e ficamos escravos da mentira, em expiação da nossa culpa. A nossa natureza ficou imperfeita pelo erro de Adão e Eva. De então para cá, verdade pura só a disse Christo, mas perfeito como elle, nem antes nem depois da sua vinda houve ninguém no mundo. Comtudo, o homem quando nasce, como reminiscencia da sua origem, nasce perfeito. Depois é que vem a serpente, tambem em memoria do peccado original, dar-lhe a comer do fructo prohibido.

O homem entra na vida, com o coração aberto para todos, acreditando nas affeições, e suppondo encher com ellas o espaço da existencia. Se o destino o arrasta para isso a que pomposamente se chama — mundo da intelligencia — mais cedo do que em outra qualquer condigão, começa a beber do calix da amargura a porção de fel que lhe pertence. Antes de se familiarisar com o seu papel, a mão brutal da fatalidade encadeia-o a um martyrio perpetuado pelas mais atrozes provações. Fascinado pela ambição da gloria, não vê o mecanismo da sociedade; não sabe que atraz dos bellos sonhos, dos delirios da sua imaginação, estão homens, paixões, necessidades que lhe hão de rasgar a alma com o positivismo da miséria. Depois de lutas encarnigadas de obra contra obra, de homem contra homem, de partido contra partido; onde é necessario bater-se systematicamente para não ser desamparado pelos seus, vem o desencantamento, e a maior parte das vezes encontra já o coração prevertido e depravado.

A vida litteraria, dizia Balzac, tem os seus bastidores. O successo surprehendido, ou merecido, é o que applaudem as platéas, os meios são sempre horrendos. Os comparas illuminados e os moços do movimento, eis o que occultam os bastidores! Os *claqueurs* applaudem sempre, a tanto por cada palma!

Portugal, no seu pequeno circulo litterario, resente-se, como todos os outros paizes, do mal que affecta essa porção intelligente da sociedade. Aqui, como em toda a parte, ha os mesmos vicios, e as mes-

mas virtudes. Nem os outros são mais generosos do que nós, nem somos isentos das suas fraquezas.

Para se entrar nos mysterios da vida litteraria, é necessaria muita dedicacão, muita força de vontade, uma energia suprema, para lutar com as protecções fingidas, com a ira dos orgulhos offendidos, com a inveja do amor proprio despeitado, com a perfidia dos patronos e a zombaria dos inimigos mal creados; e depois de um martyrio atroz, uma verdadeira subida ao calvario, por entre as gargalhadas covardes e insolentes se a victima não tem talento, e das baixas intrigas da inveja se o tem; cuidaes vós que estaes no caminho do drama, do romance, ou do poema? Pois não tendes ainda feito um passo. Apenas mostrastes que sois capaz de soffrer; falta-vos experimentar até que ponto.

Se é uma decidida vocacão *pela arte* a que vos dirige, começa então para vós uma vida de penitencia, ainda mais difficil do que aquella por onde acabaes de passar. Se tendes consciencia, ou haveis de sacrificar-a, pactuando com os beleguins do officio, para que intercedam por vós perante os juizes, ou haveis de combater perpetuamente, para sairdes da obscuridade a que vos condemna o Areopago. Transigindo, escrevereis um máu livro, que será louvado e citado por muitos; pelo contrario, tudo quanto fizerdes, não será lido, senão para vos dilacerarem o livro, o corpo, a alma com criticas injuriosas; ou ficareis, vós e elle, votados a perpetuo esquecimento. E os mais nobres instinctos perdem-se, e as consciencias mais puras prevertem-se mais ou menos no meio d'essas lides inglorias, para as quaes toda a abnegação é pouca, e todos os sacrificios pequenos! É tão invejada essa vida, unica em que as dores seccam o pranto dos olhos, quando o coração chora sangue!

É o numero dos infelizes, augmenta todos os dias. sem que o exemplo de tantos que naufragam, ou os gritos angustiados dos que ficam prezos no banco da galé, possa evitar que outros procurem voluntariamente a miseria ou a morte!

Oh litteratura, gloria, vaidade! . . . Mas que seriamos nós sem letras? Que seria da civilisação? Como se havia de propagar o desenvolvimento das idéas, que é a marcha triumphal da humanidade? Abençoada sejas tu, pois, oh litteratura, com as tuas flores e os teus espinhos, porque sabes embellezar as formas, e purificar as palavras com que nós louvamos a Deus, que te creou para alimento e recreio do espirito do homem! . . .

No Porto, mais ainda do que em Lisboa, predomina a poetico-mania com espantosa influencia. É prodigioso o numero dos cantores, poetas, trovadores, bardos, menestreis, e toda essa longa nomenclatura, com que modestamente se enfeitam os nossos vates. Cousa notavel! No meio d'essa riqueza de poesia, o Porto possui apenas dous jornaes litterarios! Em compensação porém ha sete ou oito consagrados á politica! . . .

Dos escriptores citarei os que passam por melhores, ao menos os de que tenho tido conhecimento.

Um d'elles é o sr. J. Gomes Monteiro, homem de uma erudição pouco vulgar, e esmerado cultor das musas. Traduziu do allemão um livro de poesias, intitulado: *Echos da Lyra Theutonica*. Dizem os entendidos, que é obra de bastante merecimento.

O sr. Alexandre Braga, bacharel formado em leis, é inquestionavelmente um poeta de talento.

As suas poesias são geralmente harmoniosas e cadentes. Algumas d'ellas, cheias de sentimento, denunciam o fogo de um coração apaixonado, aonde os desenganos do mundo não apagaram ainda a luz da fé e da esperanza. O sr. Alexandre Braga tem

uma imaginação rica e florida, que denuncia a cada passo a mocidade da poeta. O entusiasmo virgem rebenta-lhe do fundo da alma com toda a energia dos vinte e cinco annos; e a sua musa, por vezes arrojada e sublime, produz admiraveis estrophes como, por exemplo, na poesia — *Ao mar* :

Oh! quanto és magestoso, infindo Oceano.
Tu que rebrames em continua guerra,
Para um dia bradar, galgando ufano:
« Sumi-vos ante mim, nações da terra! »

.....

E a terra acabará. Longo sudario
Tu rolarás, oh mar, nos seus destroços:
E o sol virá, de balde, solitario
D'extinctas gerações buscar os ossos!

Mas porque esperas tu? Porque não ousas
Soltar da morte o pavoroso grito?
Monarcha do porvir, porque repousas
Em teus soberbos paços de granito?

Rebrame, pois, oh mar. Por essas plagas
Pregoa a morte em teu rancor profundo...
Talvez nos sitios, onde rolam vagas,
Rebente mais feliz um novo mundo.

Pode-se accusar algumas vezes este joven poeta de muito luxo de estylo, e muita pompa nas formas. Porém esse feliz defeito, é o superfluo de uma verdadeira riqueza. O sr. Braga se, como deve, não abandonar o idolo da poesia, a que tem prestado tão puro culto, creio que ha de vir a ser um poeta distincto. Ainda que vagamente, a sua musa recorda por vezes aquella que inspirou as *Metamorphoses* ao grande poeta latino. Em um volume das suas poesias, que tem por titulo as *Vozes d'alma*, publicado em 1849, encontram-se magnificos trechos lyricos, e uma prova incontestavel do seu fecundo talento. Entre as composições, que me parecem mais notaveis, citarei o *Triumpho*, o *Despotismo*, a *Estrella*, e a *Campa*; e além d'estas, algumas que tem publicado em diversos jornaes, e são: *Igniez de Castro*, *Saudade*, *Porque nasci!* *A minha irmã*, etc. Ouvi dizer que o sr. Braga publicará brevemente um outro volume; é uma boa noticia que espero se realize, porque este poeta não é dos que se devem esquecer.

O sr. A. A. Soares de Passos é outro poeta também de merecimento; as suas composições, que passam por melhores, são: a *Noiva do Sepulchro*, *Portugal*, e a *Visão do Resgate*. Conheço pouco as suas poesias.

O sr. A. Ayres de Gouvêa é poeta mais pelo estudo, que pela imaginação. Estudante de direito, como o sr. Soares de Passos, não tem sido tão feliz como aquelle, quando abandona as aridas paginas do *Digesto* para se recrear com o doce trato das musas. Os seus versos demonstram a exactidão das *regras*, o imperio da arte unido ao imperio da vontade; mas não a disposição do espirito e o verdadeiro talento poetico.

No meio dos mancebos intelligentes figura honrosamente o sr. Faustino Xavier de Novaes, poeta que a natureza dotou de um raro talento critico.

O sr. Novaes é um artista, que sabe aproveitar com vantagem os curtos instantes que lhe deixam as suas occupações. Obrigado a viver em uma posição, que o priva de se entregar inteiramente ao seu gosto pela poesia, deve tudo a si, e á tenacidade com que se applica ao estudo. A sua dedicação e os seus esforços têm sido coroados pelo successo; mas quan-

tas amarguras, quantos pezares lhe terá custado cada palma, ou cada triumpho? O artista que se regenera pela emancipação da intelligencia, começa a apagar o estigma de ignorancia com que em Portugal a calumnia tem marcado a classe artistica.

Por toda a parte começa a diffundir-se, nos espiritos d'essa gente desprotegida e injustamente desprezada, o fogo sagrado da intelligencia, ateado pelo sopro benefico da civilisação. Nas officinas onde d'antes se ouviam os gritos de oppressores e tyrannos, e os gemidos dos escravos do monopolio, começa a voz do operario intelligente a entoar o hymno do trabalho, porque se vae achando liberto no espirito e no corpo.

Quem acredita agora nos prophetas de mau agouro, quando dizem, que não andamos um passo no caminho do progresso? Que cegueira, ou que ruim paixão os priva de ver todos os dias subir um novo obreiro para cima dos andaimes d'essa grande machina chamada imprensa, conduzindo materiaes para a civilisação da humanidade?

A imprensa não é já um privilegio, concedido só aos sabios e aos ricos; está franca para todos, e recebe o tributo collectivo proporcionado a todas as intelligencias. Os mestres da arte dão o livro, os officiaes o pamphleto, os discipulos o jornal. É um edificio de gigantes que se fabrica, e em que, como diz Victor Hugo, uns levantam a columna, outros fazem os ornatos no capitel, estes fecham o arco, aquelles a abobada, e os ultimos conduzem cestos de reboco para cimento.

O sr. A. P. Caldas, também revela talento nas suas composições poeticas, porém a sua musa parece que é pouco productiva; conheço apenas os seus escriptos. Deve haver uma luta atroz entre a sua vocação e sua posição social! Para escrever alguma coisa que mereça ser lida, por pouco que seja, deve-se confessar, que só um immenso desejo e uma forte vontade fariam poeta a um negociante!

O sr. Evaristo Basto, segundo diz o meu amigo Lopes de Mendonça nos *Ensaios de Critica*, é pomposo de mais nos seus impulsos poeticos. Não o posso julgar, porque não tenho os numeros do *Trovador*, jornal em que vem algumas das suas poesias. Todavia affirmam que é poeta de engenho; mas nota-se geralmente a sua preguiça, em materias litterarias. Se for calumnia lavo as minhas mãos.

O sr. A. C. Lousada escreveu dous pequenos romances, em que ha bastante merito litterario e muito engenho. Entre as suas poesias tem algumas que não são para desprezar; porém é mais apreciavel em prosa do que em verso.

O sr. C. Castello Branco. É auctor de dous dramas, um romance e um volume de poesias.

Está considerado como um dos bons prosadores que possui a cidade do Porto. Os seus escriptos tem merecido elogios a alguns dos melhores escriptores de Portugal. Redige um jornal litterario intitulado: *A Cruz*.

O sr. A. Moraes da Silva Ramos. Tem escripto alguns pequenos romances, entre os quaes é notavel o *Piloto*, episodio maritimo, que se publicou no jornal o *Pirata*. O sr. Moraes é um raro exemplo do muito que póde o genio. Moço ainda, foi levado pelo destino ás praias do Brazil, onde a sua musa juvenil lhe inspirou as primeiras composições. Com um coração de artista e uma alma cheia de aspirações nobres, a vida commercial, a que então se dedicava, pareceu-lhe campo estreito para a sua intelligencia, o voltou a Portugal, resolvido a subtrahir-se aos algarismos apezar dos maiores sacrificios.

Chegando ao Porto applicou-se ao estudo dos pre-

paratorios para entrar na escola medico-cirurgica, e nas horas vagas não se esqueceu nunca de cultivar e procurar desenvolver a sua vocação litteraria. Hoje frequenta, com grande reputação de estudo, o segundo anno da escola cirurgica, resolvido porém a tomar o gráu em medicina quando completar as necessarias habilitações.

O sr. Moraes não tem o que se chama *veia poetica*, mas alguns dos seus versos revelam muito gosto, e são geralmente harmoniosos. A minha intenção, não é também citar o seu nome como o de um poeta, mas sim como escriptor de boa prosa, se continuar a applicar-se como até aqui. Além dos pequenos romances que tem publicado, o sr. Moraes escreveu ha pouco uma comedia, intitulada: *As apparencias enganam*, que se representou no theatro Academico do Porto. A respeito d'ella diz o *Periodico dos Pobres* o seguinte:

«O sr. Moraes deixa entrever genio dramatico, e sabe achar situações verdadeiramente comicas; as duas cartas identicas, escriptas pela mesma dama, e as particularidades com que orna esta intriga amorosa, denota estro no compositor.»

Mais adiante diz o mesmo jornal:

«Na comedia do sr. Moraes ha felicidade de costumes; os nossos peralvilhos, ou como se diz, os nossos janotas, são bem aproveitados e seguidos.»

Para um primeiro ensaio, disseram-me pessoas, que viram representar esta comedia, que o sr. Moraes foi muito feliz. Oxalá que elle continúe, fugindo áquella preguiça, que nós admiravamos ambos em outro tempo, e de que hoje somos umas miseraveis victimas.

Sic transit gloria mundi!

Um dos homens de grande merecimento litterario, e elevada intelligencia, é o conselheiro Rodrigues de Bastos, illustre auctor das *Meditações ou Discursos religiosos*, da *Virgem da Polonia*, de dous volumes de *Pensamentos e Maximas*, e de outras obras.

Não quero suscitar rivalidades (se é que a minha opinião póde influir alguma cousa) nem adquirir inimigos, por isso declaro, que não sigo ordem alguma n'este rapido esboço, a respeito da litteratura do Porto. A medida que me foram lembrando os nomes, e seguindo os meus apontamentos, fui-os collocando uns atraz dos outros, sem idéa de qualificação, fallando primeiro d'este ou d'aquelle.

Entre os jornalistas devo mencionar com distincção os srs. Custodio José Vieira, José da Silva Passos, e José de Sousa Bandeira. Os outros não os conheço, e como não leio politica nada posso dizer.

Esquecia-me fallar de um homem a quem os seus vastos conhecimentos em materias de sciencias, mereceram a denominação de *Newton*. Tal é o nome por que se conhece, não só no Porto, mas até mesmo em Lisboa, o sr. P. d'Amorim Vianna. O seu muito saber em mathematica, fez com que seus antigos condiscipulos lhe dessem este baptismo scientifico, que, apesar de exagerado, nada tem de irrisorio, porque todos conhecem e respeitam o superior talento do sr. Amorim Vianna.

A litteratura do Porto também conta entre os seus apostolos algumas poetisas. Uma é a sr.^a D. Maria P. do C. B. Escreve debaixo do pseudonimo de *Soror Dolores*, e algumas das suas composições provam imaginação e talento.

Outra é a sr.^a D. M. Peregrina de Sousa, auctora de alguns romances de merito, mas que devia apurar mais o seu estylo, corrigindo alguns defeitos que tornam monotonos os capitulos mais interessantes dos seus escriptos. Perdõe a illustre escriptora, se um

obsuro viajante se atreveu a tocar nas suas composições. Impuz-me a obrigação de critico, e é cumprindo este dever, que digo a minha opinião. A sr.^a D. M. Peregrina conhece as formas da arte; quando não tivesse outras qualidades, como escriptora, era já um grande merito, n'um paiz em que a maior parte do sexo feminino detesta a grammatica, e despreza a orthographia.

Ha muitos outros poetas e poetisas no Porto, que, a fallar d'elles, seria um nunca acabar. Citei a todos que me lembraram; em quanto aos esquecidos, ou os não conheço, ou a posteridade também se não ha de encommodar a conhecê-los.

F. GOMES D'AMORIM.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

V.

O interior da praça de Bissáu. — A formiga que come ferro. — Fr. Manuel de Vinhaes ou Fr. Paulo de Lordello? — 1702 e 1838; analogias que fazem córar. — Como restabelecer aqui a civilisação? — O Richerismo e Wittemberg: como o entendem os negros de Guiné. — A soberania popular, e a onça. — O que é um rei de Bissáu e o seu sceptro.

O som deixou-se ouvir mui perto de nós; levanto os olhos, e vejo que uns cinco ou seis negros seguiam outro, que parecia mais idoso, e que tocava de vez em quando os taes ferrinhos, que eu não via por mais que espreitasse. Era o rei, e os seus grandes, que vinha procurar o meu hospede.

Entrou, disse *mantanha* a todos que estavam presentes, que nem por isso mudaram da posição em que estavam; sentou-se n'uma cadeira que estava devoluta, e os grandes sentaram-se no chão, cruzando as pernas o melhor que puderam para não occuparem muito espaço.

Então vi-o bem á vontade. Era um preto já velho, que trajava uma manta, ou colcha de Cabo Verde, tecida de algodão e lã, d'uma côr mais que duvidosa; por baixo vestia uma jaqueta sobre a pelle, e uma especie de bragas, muito curtas, pois nem chegavam ao terço da coxa, e que me pareceram de pelle de gazella: na cabeça trazia um chapéo grosso de Braga, já bastante russo, e tão amarrotado, como esses que agora trazem por moda os nossos mais distinctos janotas, e que chamam á patuléa.

A sua comitiva compunha-se, como disse, d'esses cinco ou seis negros, alguns dos quaes vinham tão carregados de armas, que pareciam umas panoplias ambulantes: a estes considerei eu como uma especie de guardas de corpo, e não me enganei; são os seus *valentões*, ou generaes de suas forças. Todos vinham nus, e apenas traziam por compostura as taes bragas, ou *lopé*, que depois soube que eram de pelle de cabra.

Um d'estes trazia a bengala do rei; é o seu *darguciro*, como quem diria o seu mordomo-mór, ou condestavel (porque d'ambas as funções participa o seu emprego). É este o que tem a honra de substituir o rei nas *palavras*, ou em outras occasiões sollemnes, levando como insignia do seu poder, e titulo de substituição, a *rcal bengala*. Outro, que se sentou com muita sem-ceremonia aos pés de sua negra magestade, pareceu-me o seu conselheiro aulico, ou primeiro ministro do rei, porque estava sempre a tagarellar com elle: era mesmo o unico que se atrevia a metter-se na nossa conversação; e o proprio

rei não dizia nada antes de ouvir este seu conselheiro. Depois soube que se chamava *chalónar* do rei, como quem dissesse o seu lingua ou interprete; porque *chanolar* em creoulo de Bissáu é explicar o que alguém diz para o fazer entender a outrem.

Parece-me desnecessario acrescentar que os taes pretos se entretinham na sua lingua, de que não entendi uma só palavra; e que quando se dirigiam a nós, faziam-se entender n'um pessimo creoulo, que nem me era mais intelligivel, nem mais euphonico do que a sua ingrezia.

Eu estava olhando para este espectáculo, e parecia-me impossivel. Envergonhava-me de que a historia dissesse que o nosso dominio n'estas paragens conta-se já por seculos. Não me queria capacitar de que estes pretos fossem realmente sujeitos ao protectorado da corôa de Portugal, e que depois de tantos annos se achassem agora mais longe da civilisação do que no dia em que pela primeira vez nossos maiores pizaram estas praias. E ainda agora não posso dar a isto outra explicação senão a de que Portugal desde o marquez de Pombal era uma nação quasi protestante, que mereceu os gabos do abade *Gregoire*.

Depois de algum tempo serviu-se-lhes um refresco, que todo se reduziu a uma porção de agua-ardente. O rei foi o primeiro que bebeu, mas antes deitou algumas gôtas no chão em sacrificio ao *Hiram*, e passou depois o copo ao seu *chalóna*, negro vigoroso e membrudo, que imitou o rei no sacrificio; e assim foi o copo de mão em mão, a começar pelo *dargueiro* até ao ultimo da comitiva, mas sempre que passava aquelle que o recebia pedia que lh'o enchessem bem cheio.

Ainda se demoraram alguns minutos, durante os quaes se fazia ouvir o som agudo dos taes ferrinhos, mas sem interrupção: era o testemunho de que ellei estava contente com o acolhimento que se lhe fizera, e que podiam os vassallos estar contentes, pois que o seu rei tambem o estava, tendo *matado o bicho*, talvez pela centesima vez n'aquelle dia. Se os ferrinhos estivessem calados á saída, era um signal de descontentamento geral; a regia garganta estava seca e resequida como um chavelho.

Soube estas particularidades depois da sua saída, assim como que o objecto, ou pretexto da conferencia era pedir conselho sobre se devia ir em cerimonia comprimentar *seu primo* o governador geral de Cabo Verde; mas foi dissuadido d'isso com grande satisfação minha, que assim me livrei de assistir a uma scena caricata e ridicula com uma seriedade de emprestimo, que me podia faltar na occasião mais critica. A visita sempre se fez, mas foi *sans façon*, e com um *rigoroso incognito*.

Mas d'onde vem este som, e o que significa? foi o que mais me atormentou em quanto durou a visita real, onde já disse que não tinha entendido nada. A' força de diligencias cheguei a perceber que era o proprio rei que tangia este desharmonico instrumento, cujos sons saíam de debaixo do regão mañto, que lhe cobria os braços, e em que elle se embrulhava como n'um capote, puchando-o para cima de suas pernas e empoeiradas pernas.

Mas as minhas fadigas não satisfizeram de todo a curiosidade que me aguilhoava; e por isso apenas nos vimos sós, perguntei o que era aquillo, e que significação tinha. Aos ferrinhos chama-se *chocalho*, que é o exclusivo attributo da auctoridade real, que a ninguem mais é permittido trazer, ainda que seja por commissão; consta de um bocado de ferro com um buraco por onde se enfia o dedo pollegar até á primeira phalange; e de outro igual ferro por onde assim mesmo se enfia o indicador, e que impellidos

um contra o outro fazem uns sons estridentes, que grandemente delectam as regias orelhas.

Estas explicações porém foram-me dadas por modo de quem achava muito censuravel que eu me detivesse a indagar cousas de bagatella: e com tudo tinham estes senhores tremido muitas vezes, ouvindo-o, como varas verdes, ou como a gazella no matto estremece ao ouvir o grito rouquenho da ganga (o trombeteiro, ou agami de Cayenna), que tão bem imita um clarim de cavallaria. Já se não lembravam. O que são os homens!

Agosto de 1850.

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.



ANTIGUIDADES AMERICANAS.

A HISTORIA dos antigos povos americanos, envolta até os ultimos annos nas mais profundas trevas, tem sido objecto das investigações dos archeologos e da meditação dos philosophos. Para facilitar trabalhos tão difficeis mandou o governo francez juntar ás preciosissimas colleções, reunidas no Louvre, um museu de antiguidades americanas, que se colligiram com muito escrupulo, e com dispendio de grossos cabdaes.

É notorio que sobre o solo da actual republica peruviana, successora do famoso imperio dos Incas, conquistado, e convertido em uma das mais florentes colonias da Hespanha, pelos arrojados descobridores do novo mundo, existiu um povo notavel, de cuja origem e instituições sociaes restava apenas vaga tradição; mas de que todavia ultimamente se tem encontrado monumentos, que ainda hoje se podem admirar pela sua prodigiosa solidez e caracter grandioso.

Mas nem só nas grandes construcções civís e religiosas temos testemunho da civilisação d'esse povo quasi desconhecido. Nas artes ceramicas, por exemplo, encontram-se specimens preciosos, que provam grande adiantamento industrial, e que porventura não são inferiores, debaixo de certo ponto de vista, a alguns dos mais perfeitos productos, legados pelos etruscos, que se guardam nos museus com a estimação devida. As nossas gravuras representam dous objectos de uso vulgar notaveis pelas suas formas elegantes. Tem no museu do Louvre os n.^{os} 747 e 883.

LIBERDADE DE COMMERCIO.

II.

O SYSTEMA protector consiste na prohibição absoluta da importação de objectos que existem no paiz ou fóra d'elle; ou em serem esses objectos sobrecarregados com direitos tão excessivos, que não possam competir com os do paiz.

Poucas instituições ha mais miseraveis e damnosas do que esse systema; poucas questões em que a theoria e a pratica, a sciencia e o governo estejam de tão pouco accôrdo. Impede a concorrência que é o meio mais efficaz para o aperfeiçoamento e para a barateza; convida o contrabando que, para evitar o excesso dos direitos, introduz por portas travessas os generos excessivamente tributados; e oppõe-se á liberdade que cada um tem e deve ter de exercer qualquer industria, e de comprar ou vender no paiz ou fóra d'elle como lhe aprouver.

Só a concorrência, a mais progressiva, a mais igualitaria, a mais democratica de todas as leis a que a providencia confiou o destino do homem e da sociedade, faz cair successivamente no dominio commun bens que a natureza parecia ter reservado para uma só região, para um paiz, e, favoravel ao desenvolvimento da industria, é um dos conductores do progresso e um grande elemento de civilisação.

Não ignoro que varias accusações de egoismo e de roubo lhe tem sido feitas, principalmente pela escola socialista; mas estas accusações que a tem tornado tão odiosa, dando-a como causa de todos os males que hoje affligem a classe mais numerosa da sociedade, não tem feito senão combater um mal facticio com meios ficticios; combater um abuso por meio de abusos.

A concorrência tem a enorme vantagem de provocar a emulação. Um fabricante a quem a ausencia de competidores conferisse d'algum modo o monopolio da sua industria repousaria n'um doce somno, e não exerceria a sua actividade em aperfeiçoar essa industria.

Uma grande parte dos progressos materiaes é sem duvida devida á livre concorrência. Nem nos tragam o desejo de gloria como o motor d'esta civilisação; por que posto que por todos seja reconhecido o grande poder que tem para as grandes descobertas; todavia não é de certo elle o estimulante dos aperfeiçoamentos secundarios, que são para a civilisação como os ultimos retoques para uma pintura.

A maior vantagem porém da concorrência é a barateza infallivel que leva ao valor dos productos; essa barateza, que aproveita a todos e contra a qual se têm dirigido principalmente as accusações dos que a combatem!

Comtudo eu não defendo de tal modo a concorrência que lhe não reconheça os seus inconvenientes; sei bem que no estado em que hoje se acha a sociedade, dividida em classes tão oppostas, a concorrência tem sido tambem victima d'este antagonismo.

Mas estes males não se podem attribuir á concorrência, a qual deve ser regular e perfeita; mas sim á organização antinómica e immoral que ainda hoje rege a humanidade.

Mas o mal em quanto a mim não é senão uma anomalia de que o bem ha de por força triumphar; a historia e a philosophia assim o mostram. Em cada pagina da historia que percorrerdes vereis um novo bem alcançado para a humanidade, vereis o mal vencido mais uma vez, vereis um novo passo do progresso, e se a examinardes mais attentamente com o facho da philosophia, vereis que este progresso, es-

te novo bem alcançado é mais um passo para a harmonia, mais um degráu que a humanidade sobe da these para a antithese e da antithese para a synthese.

É por isso que eu creio na concorrência regular e perfeita, em harmonia com os principios de moralidade e justiça; por que logo que, como da natureza do homem propenso para o bem é de esperar, a deslealdade, a injustiça e a immoralidade desaparecerem das relações sociaes, só a concorrência poderá existir por que só ella se conforma com a natureza do homem mantendo a associação nos seus limites naturaes.

Concorrência e liberdade são synonymos, assim como são synonymos protectorado e oppressão; o principio harmonico é a liberdade do commercio, o dissonante o systema protector. N'esta luta é claro quem vencerá. Toda a instituição que tem a desgraça de perturbar a liberdade ou de ferir a justiça pouco tempo póde durar, e é por isso que o systema protector ha de necessariamente cair. Não ha raciocinio que o possa absolver, não ha poder algum que o possa salvar.

Mas como é da natureza das más instituições não serem respeitadas e darem nascimento a protestos, que acabam por trazer a reforma, o contrabando tem sido para o systema protector o mais constante e o mais expressivo d'esses protestos.

É ao contrabando, diz Blanqui, que o commercio deve o não ter morrido debaixo da influencia do systema protector.

Todavia o contrabando é um mal, é um elemento de desmoralisação, é a iniciação no roubo; mal porém necessario em quanto existir o systema protector.

Finalmente este systema além de tudo o mais sacrificia a liberdade, e a prosperidade material dos povos, assim como a politica provém d'esse só principio da liberdade.

Mas os seguidores d'este systema quando se lhe notam esses graves ataques á liberdade julgam desculpar-se, dizendo que se confundem duas cousas perfeitamente distinctas, a liberdade politica e a liberdade de commercio.

Segundo elles, a liberdade de produzir, de comprar e de vender, nada tem de commun com a liberdade politica; sendo esta ultima a unica digna de ser desejada, em quanto que a primeira, a liberdade de industria e de commercio, nem vale a pena fallar-se n'ella. Mas aquelles que pretendem estabelecer essa distincção entre a liberdade de industria e a liberdade politica, de certo não attendem, como nota Chevalier, a que se vão collocar, sem querer talvez, no lugar em que jazem os homens politicos e os philosophos de outras eras, quando se tratava das profissões industriaes.

Platão, Aristoteles, Cicero, os homens mais illustres da antiguidade olhavam com desdem para tudo o que dizia respeito á industria; mas tambem esses philosophos sustentavam em maior ou menor escala, com mais ou menos energia a escravidão, e todavia nada havia mais injusto, mais immoral, mais anti-economico do que essa exploração do homem pelo homem. A unica consequencia pois que d'essa miseravel philosophia podemos tirar, é que os homens inda os mais distinctos não se podem desligar de todo do seu seculo.

Os modernos pois que, continuadores e plagiarios do passado, n'aquillo em que é mais reprovado, no que na epocha actual é mais impossivel, quizerem excluir a industria em tudo ou em parte dos beneficios da liberdade assemelham-se n'esta parte a esses philosophos, que tanto tem sido por isso condemnados, não tendo a desculpa que se apresenta a favor

d'aquelles, por que vivem n'um seculo muito mais adiantado em civilisação.

O effeito necessario e inevitavel do systema protector é diminuir a exportação na mesma proporção em que se diminuir a importação; por que é mister que se note que um povo jamais dá ao outro os seus productos gratuitamente; não é possivel vender ás outras nações sem lhe comprar: o commercio é uma troca, e não ha troca sem haver cousas que se permutem. Toda a protecção pois que parecer beneficiar um ramo de commercio excluindo a importação prejudica outro excluindo a exportação.

Entendia-se antigamente que a riqueza d'uma nação consistia no numerario, e que este augmentaria exportandó-se muito e importando-se pouco. D'este prejuizo é que nasceram os direitos protectores, as gratificações, os drawbacks, e as prohibições absolutas dos generos por entrada, que é o que forma o systema protector.

Mas é indubitavel que é pela agencia do trabalho que se podem obter os diversos artigos uteis e commodos aos homens; e o difficil problema da riqueza das nações deve resolver-se pela discussão dos meios por que o trabalho ha de tornar-se mais efficiente e lucrativo, de modo que se possa obter maior somma de productos necessarios, uteis e appetiveis, empregando a menor somma possivel de trabalho; e finalmente pelo emprego de toda a medida que tenda a augmentar o poder do trabalho, ou o que vem a ser mesmo a reduzir o alto dos generos para augmentar proporcionalmente os meios de alcançar capital e riqueza, o que é inteiramente opposto ao systema protector que de modo algum póde fazer com que uma nação produza mais do que lhe é dado produzir.

Os effeitos do systema protector são a paralisação das principaes fontes de riqueza, como entre nós a agricultura e a industria fabril, que nem dão tanto quanto podiam dar, nem tão bom como podia ser: em quanto que a liberdade commercial convida pela offerta seductora dos productos estrangeiros á producção de outros generos alcançados pelo nosso trabalho para adquirirmos aquelles.

Tem-se finalmente pretendido justificar este systema pelo lado politico, allegando-se a seu favor que torna um paiz independente dos outros. Mas os homens, como dissemos no artigo antecedente, reconhecem já a dependencia em que estão uns dos outros, e em vez de se considerarem inimigos olham-se como associados como irmãos, e do mesmo modo os povos; porque, posto que as palavras do Christo *omnes unum sint*, ainda não estejam realisadas, todavia não está talvez longe a epocha em que terão uma significação pratica.

SILVEIRA DA MOTTA.

O REBEQUISTA D'ALDÊA.

Com a mão que hoje tremula meneia
O arco d'onde tira alegres sons,
Empunhando o fuzil outr'ora anceia
Em pró da Patria ter mais altos dons!

Se via o estrangeiro entrar ousado,
Calcando altivo a terra de seus paes,
Nunca ninguem o víra acovardado
Oppondo á invasão só tristes ais.

Lembrava-se da mãe velha e doente;
Do entrevado pae curvo e senil;
Da amante que chorava; e de repente
Empunhava cantando o seu fuzil.

Orgulhoso guerrilha não esp'rava
Ouvir o chamamento do tambor;
Mal que estranha bandeira tremulava
Não consultava mais que o seu valor.

Aos escalvados sêrros da montanha,
Onde tanto em criança ía folgar,
Resoluto subia: dando á sanha
Do soberbo invasor o proprio lar.

Que saudades então, vinham, coitado.
Pungir-lhe acerbamento o coração!
Lembrava-se dos seus, e magoado
Por vezes o fuzil largou da mão.

Mas de repente ao longe um som ouvia
Desusado n'aldêa! Era o signal
D'inimiga phalange, que aturdia
Bradando — guerra — o seu torrão natal.

No peito o coração lhe pula ardente;
Cuida as queixas d'amante ao longe ouvir,
E a voz paterna murmurar-lhe sente
Santos conselhos: — Não deveis fugir!

Então na briga mais audaz se lança;
A Patria invoca com ardor febril,
Tendo só posta sua doce esp'rança
Nos beijos premio d'uma acção gentil!

Enganos tudo! D'uma balla vinda
De mão certa que o fuzil conduz,
Inda a peleja se não julga finda
Dos olhos ambos lhe roubava a luz.

Desde esse dia, pela aldêa o pobre
Cantando implora de quem passa o pão;
E acerbas maguas que no peito encobre
Disfarça ao som da marcial canção.

E a nobre fita que devêra honrada
Nunca d'estranhos attrahir o dó,
Se ao peito d'outros é da — Torre e Espada
N'aquelle a lenda lh'a encobriu o pó.

Honras que prestam se a pobreza ostenta
Sagrados symb'los d'infeliz valor?
E a Patria morta já debalde tenta
De seus bons filhos bem pagar o amor!

Tu que passas, descobre-te diante
De quem inda mendigo é portuguez:
Do seu braço que outr'ora era possante
Repara o que o valor depois lhe fez!

Com a mão com que tremula meneia
O arco que lhe dá tão negro pão,
Outr'ora defendendo a Patria anceia
Em só a defender seu galardão!

L. A. PALMEIRIM.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XV.

*Doação de Arrayolos a Pedro Juzarte.
Successo notavel de seu tempo.*

Do duque D. Fernando I passaram seus estados, de que fazia parte o condado de Arrayolos, a seu fi-

lho o duque D. Fernando II. Sabido é como entre este e el-rei D. João II se levantaram taes malquerenças, que levaram o duque ao patibulo na praça de Evora, aos 20 de junho de 1483.

Das revelações de Lopo de Figueiredo vê-se que já quando el-rei celebrou as suas primeiras côrtes em Evora em novembro de 1481, o duque havia dado aos procuradores, mandados ás mesmas côrtes pelas terras de seu senhorio, apertadas instrucções para se opporem a certas exigencias e pretensões de el-rei; e havia feito eleger para procuradores das mesmas terras a criados seus, e de seu pae e avô, e de seu tio o marquez de Monte-mór. Diogo do Valle, criado do duque seu pae, e d'uma das principaes familias de Arrayolos, foi por procurador d'esta villa e da de Evora-Monte. (1)

Mas o que abriu caminho á catastrophe do duque foi o aviso, que a el-rei deram em Evora Pedro Juzarte e seu irmão Gaspar Juzarte de ter estado em casa do mesmo duque um mensageiro disfarçado d'el-rei D. Fernando o catholico de Castella, a forjar conjuração contra el-rei. Por esta causa foi Pedro Juzarte uma das nove testemunhas, cujos depoimentos fundamentaram a condemnação do duque: e el-rei confessa que lhe deve muitos e estremados serviços, em lhe descobrir cousas grandes, que se tratavam contra sua pessoa, estado e reinos. E em galardão de tão grandes merecimentos, de seu proprio moto, não a petição d'elle Pedro Juzarte nem de outrem por elle, lhe fez doação para elle e para seu filho da villa de Arrayolos com toda a sua jurisdicção etc. e da alcaidaria-mór da mesma villa, direitos e rendas, que a ella pertenciam; tudo com certas clausulas, que constam do doc. datado de Evora a 7 de junho de 1483. (2)

No tempo, em que Pedro Juzarte possuia Arrayolos succedeu aqui um caso notavel. Morava em Evora Alvaro Mendes de Vasconcellos, senhor do morgado do Esporão, homem bem honrado, e muito bom cavalleiro (como diz Garcia de Rezende), que tendo uma dissensão com Diogo Gil Magro, cavalleiro da casa de el-rei, por causa da servidão de umas casas contiguas ás suas, passaram de palavras a obras, e Diogo Gil, entrando em casa de Alvaro Mendes, que era velho e estava enfermo, o injuriou e affrontou muito; e logo receando a revindicta se retirou ao castello de Arrayolos, dando-se por seguro na companhia de Pedro Juzarte, seu amigo, senhor e alcaide-mór da terra. Alvaro Mendes fez aviso a Joanne Mendes de Vasconcellos e Diogo Mendes de Vasconcellos, seus filhos, que militavam então em Tanger; e elles acudindo a desaffrontar o pae, no anno de 1492, juntando muita gente de cavallo e de pé, se foram ao castello de Arrayolos um dia ante manhã, e entrando-o, quebraram as portas da casa de Diogo Gil, e não só o mataram, mas trazendo a cabeça na ponta de uma lança entraram com ella de dia publicamente em Evora, e a puzeram aos pés de seu pae offendido. Logo fugiram para Castella, porque além dos procedimentos da justiça se temiam da sanha de el-rei, que era afeiçoado ao morto, e descontente de

Alvaro Mendes. « E por que el-rei (diz Garcia de Rezende) sobre o caso mandava tirar grandes inquirições devassas, e fazer muitas diligencias; e era certo que o barão de Alviço, Diogo de Mendonça, Diogo de Azambuja, Ayres de Miranda, e outros deram para isso gente e ajuda, Francisco de Miranda fallou a el-rei sobre isso, pedindo-lhe por mercê, que não quizesse devassar sobre tantos e honrados homens, e que olhasse S. A. como homem, e não como rei, se outro tanto fizeram a seu pae o que elle sobre isso fizera; e el-rei lhe respondeu: Francisco de Miranda, fizera o que elles fizeram; e por isso me havei com elles temperadamente; e logo sem outro mais requerimento mandou cessar as devassas e inquirições, sem fallar n'isso mais, porque fôra sobre vingança de injuria de pae. »

E pedindo Ruy Gil Magro, irmão do morto, favorecido do camareiro-mór Ayres da Silva, a el-rei que lhe fizesse mercê das fazendas de Alvaro Mendes e seus filhos, que por bem de suas ordenações perdiam, por fazerem assuadas com gente do extremo e de Castella, e entrar em uma fortaleza, e matarem seu irmão: el-rei lhe respondeu: melhor faria eu de dar a elles as fazendas de Pero Juzarte e de vosso irmão, que a vós as suas: a de Pero Juzarte por quão mal guardou a fortaleza, e a de vosso irmão por quão mal se soube guardar: que Alvaro Mendes e seus filhos fizeram o que deviam, pois souberam vingar sua injuria honradamente como bons cavalleiros. »

Com tudo os Vasconcellos não voltaram a Portugal em quanto viveu D. João II. Serviram aos reis catholicos, e foram d'elles mui estimados. E quando el-rei D. Manuel passou a Castella a casar com a princeza sua primeira mulher, trouxe consigo a Joanne Mendes, que foi depois embaixador aos mesmos reis catholicos, e do conselho dos reis D. Manuel e D. João III. (1) Morreu em 1541.

El-rei D. Manuel, logo no 1.º anno de seu reinado (1496) chamou ao reino não só as pessoas da familia de Bragança, mas todos os proscriptos pelo mesmo caso, e a todos restituiu suas honras e bens, vindo d'esta sorte a villa de Arrayolos a entrar novamente no dominio da casa de Bragança, aonde se conserva do modo que o permitem as leis actuaes.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

RECEITA PARA BENEFICIAR OS VINHOS NOVOS.

Deita-se o vinho novo em garrafas, que tenham servido a bom vinho velho, deixando por encher em cada uma cousa de : copo de tres ao quartilho. Depois de se haver rolhado cuidadosamente, imergem-se as garrafas até o gargalo em agua quente, que se faz subir a 75 graus centigrados; passada uma hora, pouco mais ou menos, muda-se o vinho para garrafas novas, que se rolham tambem com todas as cautellas recommendadas. Os italianos empregam este meio para beneficiar os seus vinhos, dando-lhes as qualidades que tornam apreciaveis os melhores vinhos de dez a doze annos. É um processo mui facil de ensaiar, e de que os nossos lavradores podem lançar mão com grande proveito seu.

(1) Memorial de Lopo de Figueiredo, ms. na bibliot. publ. eborense, impresso em um dos n.ºs da Revista Litteraria, do Porto.

(2) Garcia de Rezende, chronica d'el-rei D. João II, edição de 1545, cap. 144.

João Salgado de Araujo, Summario de la Familia illustrissima de Vasconcellos. Madrid, 1638, fl. 36.

D. Agostinho Manuel e Vasconcellos, Vida y acciones de el-rei D. Juan el II. Madrid, 1639, pag. 281.

(1) Torre do Tombo. L.º 4.º de Odiana, fl. 193 v. — Menos reflectidamente diz padre Manuel Fialho na Evora Illustrada, ms., m. 2.º, n.º 17, que Pedro Juzarte fôra feito alcaide e conde de Arrayolos.